



Críticas e Resenhas



Resenha sobre Cultura popular e alta cultura

Uma análise e avaliação do gosto

de Herbert J. Gans

por Maurício Silva¹

.....
1 Servidor do Ministério da Cultura e mestrando em cultura e sociedade pela Universidade Federal da Bahia. *E-mail:* tonygb2@hotmail.com

GANS, H. J. *Cultura popular e alta cultura: uma análise e avaliação do gosto*. São Paulo: Ed. Sesc, 2014.

Publicado pela primeira vez em 1974, *Cultura popular e alta cultura* pode ser considerado um “clássico” dos estudos da cultura, que, entre outras coisas, defende a cultura popular contra seus detratores. Trata-se de um “estudo sociológico da cultura popular e da alta cultura” (p. 13), tendo como ponto de partida, em particular, a cultura norte-americana. Combatendo aqueles que acreditam que somente a alta cultura é cultura, o autor defende, ao contrário, que a cultura popular expressa outras necessidades e preferências, inserindo, portanto, a discussão no campo da democracia cultural e do pluralismo cultural.

Para o autor, nos Estados Unidos e nas sociedades heterogêneas, os conflitos entre grupos sociais se dão não apenas no âmbito econômico e político, mas também cultural: um dos principais conflitos culturais é o que opõe os profissionais da alta cultura e os que preferem as culturas populares, consideradas por aqueles como uma

cultura de massa e que, portanto, possui efeitos danosos sobre os indivíduos que a consomem. Trata-se, nesse sentido, de uma guerra cultural, que se traduz também como luta de classes: “um ataque dos cultos contra os incultos, dos ilustrados contra os sem instrução, dos especialistas contra os leigos, dos mais abastados contra os menos abastados”. (p. 19) Consideradas pelo autor como tipos ideais ou como estereótipos, a alta cultura e a cultura popular pressupõem uma série de informações e de valores, constituindo-se culturas de gosto, na medida em que “cada uma contém valores estéticos e padrões de gostos compartilhados ou comuns”. (p. 22)

Tratando mais especificamente da crítica à cultura de massa, o autor destaca basicamente três acusações: ela seria uma indústria voltada para o lucro; consistiria num produto homogêneo e padronizado; sua produção seguiria o modelo de uma linha de montagem de produção em massa, características que, em tese, se constroem em oposição à alta cultura, tida como cultura não comercial, heterogênea e não padronizada e resultante de um processo mais criativo. Apesar dessas supostas diferenças, em determinados aspectos (como os de natureza econômica) essa “distância” diminui: em ambos os casos, por exemplo, verifica-se uma finalidade lucrativa; também em relação à suposta padronização da cultura popular, há que se ressaltar que, embora em menor grau, ela também pode estar presente na alta cultura – “sob diversos aspectos, as diferentes escolas da alta cultura são equivalentes às diferentes fórmulas da cultura popular, já que ambas representam soluções amplamente aceitas para um determinado problema criativo”. (p. 47) Outra acusação muito comum contra a cultura de massa é a de que ela se apropriaria do conteúdo da alta cultura, aviltando-a e prejudicando sua qualidade. Para o autor, essa suposta “apropriação” se daria de ambos os lados, com a diferença de que quando aquela se apropria dessa, o produto resultante torna-se um produto socialmente desprestigiado.

Segundo o autor, a cultura popular é acusada, ainda, de estar exageradamente vinculada à mídia. Contudo, completa, não é certo que a mídia tenha efeitos prejudiciais sobre as pessoas, pelo menos não mais do que outras instituições sociais. De qualquer maneira, seus efeitos podem ser tanto prejudiciais – como, por exemplo, a aceleração da morte das culturas folclóricas e tradicionais – quanto benéficos – como o maior acesso a informações e maior difusão da cultura da classe média. Finalmente, acusa-se a cultura de massa de rebaixar o nível do gosto da sociedade, o que o autor igualmente contesta.

Em suma:

Quando comparada a evidências empíricas e outros dados disponíveis, a crítica à cultura de massa não resiste bem. Não só existem semelhanças entre os modos como a cultura popular e a alta cultura são criadas, como também a primeira não representa ameaça genuína à alta cultura ou aos seus criadores. Além disso, o conteúdo da cultura popular não tem os efeitos que lhe são atribuídos, exceto talvez sobre uma minoria de pessoas que o consome de maneira diferente da que é aceita. Por causa de sua falta de efeito geral, não pode ser considerado fonte de perigo à sociedade ou à forma democrática de governo. (p. 74)

E completando o raciocínio:

Os críticos zombam da cultura popular por oferecer somente desinformação de uma satisfação espúria, mas eles não consideram essa cultura da mesma perspectiva que o público. Os críticos supõem que o público é, ou deve ser, tão instruído quanto eles, que já esteja acostumado ao individualismo e à solução individual de problemas, que seja socializado e educado para lutar pela criatividade e autoexpressão, que possua a habilidade de solucionar problemas de maneira direta e racional, que não tenha necessidade de escape e entretenimento. (p. 81)

Tudo isso, é preciso que se diga, tem relação direta com a questão de privilégios de classe, já que – historicamente – a elite cultural e política sempre rejeitou a participação popular em suas atividades culturais e não criou as mínimas condições para que a alta cultura fosse compartilhada. Em resumo:

[...] essa crítica [a crítica contra a cultura popular ou de massa] é, em parte, uma ideologia de defesa, formulada para proteger os privilégios culturais e políticos da alta cultura. Como todas as ideologias desse tipo, ela exagera o poder de sua oposição e suas consequências prejudiciais que resultariam de se permitir a existência dessa oposição. No entanto, apesar de a alta cultura ter perdido seu monopólio sobre a cultura e ter sido obrigada a abrir mão de parte de seus privilégios e poder no mercado cultural, sua contínua vitalidade, numa época em que as artes populares também estão florescendo, sugere que as parcelas defensivas da ideologia não são tão necessárias para a alta cultura quanto os críticos acreditam. Além disso, essas parcelas são indesejáveis, pois procuram proteger a alta cultura e seus criadores à custa do resto da cultura e da sociedade. Nesse processo, a alta cultura invoca falsos perigos e problemas sociais espúrios, o que a impossibilita de entender as artes populares ou avaliá-las corretamente. (p. 85)

Para o autor, uma análise comparativa da cultura popular com a alta cultura deve levar em conta a relação de cada uma delas com as necessidades e desejos das pessoas, o que nos remete à ideia de uma cultura de gosto e de público de gosto:

As culturas de gosto não são sistemas de valor coesos, e os públicos de gosto não são grupos organizados; as primeiras são conjuntos de valores similares e, em geral, mas não sempre, de conteúdo similar; os segundos são conjuntos de pessoas que, geralmente, mas não sempre,

têm valores similares e fazem escolhas similares entre as ofertas de cultura disponíveis. (p. 103)

Assim, como cada público de gosto possui padrões característicos, cada cultura de gosto possui, igualmente, suas próprias manifestações artísticas e seus próprios atores. É nesse sentido que a abordagem comparativa proposta pelo autor rejeita a dicotomia entre alta cultura – que, supostamente, mantém padrões estéticos – e cultura popular – que, supostamente, existe por motivos não estéticos.

São muitos, segundo o autor, os fatores que levam uma pessoa a optar por certa cultura, desde valores sociais – classe social, religião, origem étnica – até valores pessoais (personalidade), embora o principal elemento de diferenciação entre culturas e públicos de gosto seja o socioeconômico, em especial relacionado à educação, já que os padrões estéticos e o gosto são ensinados pela escola e pela família.

Gans procura, na sequência, descrever cinco públicos e gosto e suas respectivas culturas, procurando utilizá-los como categorias neutras, isto é, sem estabelecer julgamento de valor – não se deve, portanto, relacionar os termos superior e inferior com julgamentos de valor. Além disso, há alguns limites nessa sua categorização: ela se refere em especial às culturas norte-americanas gerais, exageram o grau de coesão de cada um delas, privilegia-se mais o público (mais estável) do que a cultura que estão relacionadas às culturas que criam um conteúdo para o público em geral e as culturas são consideradas com base em seus produtos mais difundidos. São as seguintes:

1. Alta cultura: cultura de gosto dominada por seus criadores e críticos, cujos padrões e perspectivas são aceitos por seus usuários; tanto os criadores quanto os usuários são, em geral, pessoas instruídas, provenientes das classes alta ou média alta, que exercem, principalmente, atividades acadêmicas e profissões liberais. Além disso, trata-se de uma cultura que atende um público que busca exclusividade, com certo grau de rejeição da mídia eletrônica e dos meios de comunicação

de massa; há uma parcela desse público que se orienta pelos sentimentos, pelo prazer, pela informação que podem obter dela, o que aproxima essa parcela do público àquelas de gosto inferior.

2. Cultura média superior: própria da maioria da classe média (norte-americana) que não querem se limitar à alta cultura, buscando uma cultura substantiva, indiferentes às inovações da forma; seu público recorre a críticos e a resenhas e possui, geralmente, ensino superior.
3. Cultura média inferior: numericamente predominante (nos Estados Unidos), atrai pessoas das classes média e baixa e, muitas vezes, se apropriam e adaptam formas artísticas das duas culturas anteriormente citadas; seu público fornece a principal audiência dos meios de comunicação de massa – musicais e superproduções, seriados televisivos, *shows* de alta audiência etc.
4. Baixa cultura: cultura da classe média baixa que predominou nos Estados Unidos até a década de 1950 – logo substituída pela média inferior –, formada pelo público de trabalhadores qualificados e semiquilificados, com baixa escolaridade, com preferência para uma produção midiática de baixa qualidade técnica.
5. Baixa cultura quase folclórica: mistura de baixa cultura com a cultura folclórica, cujo público é formado por pessoas muito pobres, mão de obra não qualificada – muitas vezes do meio rural –, com baixo poder aquisitivo e produtos específicos – histórias em quadrinhos, filmes de faroeste, novelas mexicanas –, com a presença de elementos da cultura popular.

O autor se propõe a tratar, ainda, de outros três tipos de culturas e públicos de gosto, que podem se manifestar no interior das categorias acima elencadas: a cultura jovem, que sofreu influência da geração *beat* e dos *hippies*; a cultura negra, revitalizada com o crescimento da classe média negra e com a atenuação de

barreiras segregacionistas; e as culturas étnicas, ligadas, sobretudo, aos imigrantes.

Tratando da estrutura social das culturas e públicos de gosto, o autor lembra que não se configuram como grupos independentes, mas fazem parte de uma estrutura de gosto geral, a qual faz parte de uma estrutura social mais ampla. Um exemplo disso é sua relação com a política, no sentido de estabelecerem relações com valores e questões de poder, de manifestarem uma visão da sociedade, de estarem associadas a uma hierarquia etc. Tratando, também, da questão da avaliação das culturas e públicos de gosto, o autor destaca a necessidade de não se avaliar uma determinada cultura sem levar em conta seu público e, ainda, de se criar mecanismos de atendimento cultural a todos os públicos, atendendo suas especificidades estéticas – que o autor chama de programação subcultural –, numa perspectiva de estender o pluralismo cultural.